2 — A MINHA SAUDADE DE GUSTAVO BARROSO

Insiste uma de minhas saudades em que a deixe registrada aqui, e não quero esquivar-me; antes fazê-lo, qual confortante desempenho de um dever. É a saudade de Gustavo Barroso. Uma das mais valiosas e caras amizades minhas. Amizade e admiração. Pelo ver o amigo e o homem ilustre que foi, que sabia abrir a alma às efusões mais ternas e nobres e soube laborar com o cérebro potente e versátil a fama de escritor, do mais alto mérito e de surpreendente proliferação intelectual.

Dizia-se um produto *misturado*, descendente de pai cearense e mãe alemã. Esta, perdeu-a aos sete dias de nascido. Aquele, o escrivão Antônio Felino Barroso, duraria para lá de um século, sempre ateu, irreverente, mas acolhido de todos pelo jeito original de sua pessoa e a mordacidade de seus conceitos: ao velho Felino Garapa ouvia-se curiosamente e de bom grado. Onde estivesse, fazia roda.

O filho — Gustavo Dodt Barroso — teve a movimentada história do menino levado da breca, que aspirava a ser boleeiro de bonde, e do rapaz encapetado, patusco e andejo. Até que, sem horizonte em sua terra, e com alguns vinténs no bolso, rumou para o sul, onde iria encontrar o pão e, com os seus talentos, as glórias de uma vida intelectual intensa e superiormente alicerçada. As suas obras vão a cento e vinte e versam os assuntos mais diversificados — a literatura do romance, do conto e da poesia, o Folclore, a História, a Museologia, a Sociologia, a Memorialística, a Biografia, a Heráldica.

Subiu até onde se sobe no cenário nacional, engrandeceu-se, porém nunca esqueceu o Ceará, a sua cidade de Fortaleza, os seus passeios e vadiações nos sítios de Messejana e no sertão, o que lhe forneceria o tema de seu primeiro livro *Terra de Sol*, para muitos o melhor de todos, porque escrito com a tinta da saudade.

Não parava de vir, de sentir o ar da gleba em que nascera. E, quando viu diante de si a morte, pediu papel e escreveu: "O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sempre, estou certo. Não um mundo que eu comande, mas um mundo que me comanda através do espaço e do tempo, onde quer que eu vá, seja qual for a época. Tamanho poder lhe foi dado porque foi o primeiro mundo que vi, quando abri os olhos para o mundo, mundo em que, hora a hora, dia a dia, ano a ano, durando

e tomando forma — fui no corpo e na alma descobrindo todas as coisas do mundo. O Ceará é o mundo em que sempre me recordo e vejo, só ou acompanhado de tudo quanto vi e toquei desde o berço. Continuarei a viver até que se apague a derradeira luz do mundo, meu mundo querido e único". Foi a sua mensagem suprema. Não escreveu mais nada. Não podia. Dezoito dias depois, morreu.

Frui de sua bem-querença. Toda vez que ia ao Rio, estaria com ele. O Museu Histórico Nacional, por ele fundado, organizado e dirigido, era lugar certo de me encontrarem. No Ceará, era também certo achar-me ao seu lado, ao amavio do uirapuru de sua palestra. Verdadeiro imã, as conversas do Gustavo. Com Manoel Albano Amora, com Mozart Soriano Aderaldo, com Waldir Liebmann, com Hugo Catunda, com Silveira Marinho, com Filgueiras Lima, comigo, desafivelava as suas relembranças e as deixava esvoejar, para encantamento nosso. E proveito nosso, de tantas coisas, fatos e passagens históricas que íamos sabendo e anotando. Nada esquecia.

Adorava — é bem o termo — a sua Fortaleza, cujo Hino compôs, e foi oficializado com a música do maestro Antônio Gondim. As lágrimas caiam dos olhos ao recordar a meninice de Messejana, nos sítios Curió e Jurucutuoca, vindos dos seus bisavós, e onde com um bando de outros "folgava despreocupadamente, armando arapucas às rolinhas, fojos aos preás, mundéus aos tatus e laços às raposas". Escreveu a Waldir Liebmann, seu primo: "Quando eu morrer, não procurem minh'alma noutro lugar senão nas várzeas da Messejana, nas estradas do Curió e da Jurucutuoca. Ali ela estará vagando".

Certa vez, almoçávamos no restaurante da Mesbla, no Rio de Janeiro, e manifestou o ardente propósito de adquirir um daqueles sítios e vir morar no Ceará, porém sentia, e justificava, a reação dos filhos e netos que, não sendo cearenses e integrados na vida carioca, não podiam ter afeição maior a um lugar tão longínquo e provinciano. Naquela mesma ocasião, demonstrava a sua alegria pelo bom êxito da intervenção cirúrgica a que se submetera e na qual foram retirados do intestino molesto uma *versidade de bolinhas de cabra*. Eram sintomas do mal que o derribaria, ao seu corpo de homenzarrão, antes robusto e sadio.

Numa de suas viagens ao Ceará, em 1957, andamos com ele às voltas, os seus amigos. Estivemos em Pirapora, balneário de Maranguape, num dia todo de gostosa intimidade. De retorno ao Rio, e datada de 24 de novembro, dirigiu-me esta carta: "Meu caro Girão. Neste domingo carioca e chuvoso, reunida a família para almoçar carne de sol com pirão de leite e lingüiças de Maranguape com arroz, tendo como sobremesas sapotis, mangas, doces de caju, abri o nihil obstat e o êxito foi triunfal. Todos adoraram e o felicitam pela receita. Com o material que trouxe de Fortaleza transformei o domingo carioca em cearense, menos o sol que se escondeu e contra o qual nada pude fazer. Enquanto o meu pessoal: mulher, noras, filhos e netos aprovavam as iguarias cearenses, eu cá no íntimo recordava devagarinho a nossa ida a Pirapora e a companhia alegre dos amigos: você, Waldir Liebmann, Mozart Lebiano, Adenaldo Silveira

Marinho... É esta saudade que lhe venho trazer em poucas linhas, cheias, porém, de sentimento, pedindo-lhe que a transmita a todos os do nosso grupo de amigos, tão generosos para comigo, sempre que vou ao Ceará. As engrenagens da minha vida aqui já me estão triturando de novo, mal cheguei. Que se há de fazer? Eu nunca realizei nenhum dos meus verdadeiros desejos. O destino realiza comigo aquilo que ele acha que deve ser e eu me submeto, porque, quando me tenho revoltado, tem sido pior. O danado logo me castiga. Abraços aos nossos companheiros do Instituto e da Academia. Saudades muitas de tudo. Sempre muito seu, Gustavo".

O nihil obstat é uma espécie de batidinha, à base de aguardente, maracujá, limão, açúcar e vermute branco, que d. Marizot prepara para oferecermos aos visitantes do Passaré. Aprendi a receita em Manaus, onde a bebida se serve em cálices e tem o nome de *colete*. A denominação latina vem do fato, picaresco, de ter dela gostado o Padre Boaventura, Geral da Ordem dos Salvatorianos, que, achando-se em nosso sítio, dela provou... e aprovou, com o seu nihil obstat. E gostou mesmo... porque nos abençoou, aos de casa, colocando em nossas cabeças o solidéu, que sempre conduz, ofertado pelo Santo Padre. Quem saboreia a nossa batidinha, portanto, recebe indulgências acho que plenárias.

A última estada de Gustavo em Fortaleza deu-se em agosto e ele morreria em dezembro (1959), no dia 3, e a 29 completaria 71 anos de idade. Queixava-se de fortes dores, do que supunha ser bico-de-papagaio, e parecia despedir-se de tudo, correndo os seus campos de Messejana e indo ao Cariri, região que não conhecia.

Na sessão de homenagem à sua memória — trigésimo dia de sua morte — pronunciei sentido discurso em nome do Instituto do Ceará. A Revista nº 73, deste, o transcreve. E ainda pelo Instituto e com o apoio decisivo de Mozart Soriano Aderaldo, assessor do Governo do Estado, conseguindo as dotações necessárias, fui à então capital da República encarregado de encomendar a sua estátua, de bronze, a ser levantada numa das praças de Fortaleza. Entendi-me com o escultor H. Leão Veloso, que, ainda por meu intermédio, aceitaria incumbências iguais, executando, maravilhosamente, as de Capistrano de Abreu, Farias Brito, Clóvis Beviláqua e, mais tarde, a de Alberto Nepomuceno. Repetia Veloso, em tom de graça, que eu era o seu maior freguês de estátuas. Homem de fina educação e lealdade de compromisso, Leão Veloso externava especial simpatia pelo Ceará, onde demorou parte de sua infância, neto que era de Guilherme Rocha, um dos mais profícuos e adiantados prefeitos de nossa Capital. Nascido baiano, faleceu bem moço ainda. A inauguração do monumento de Gustavo, localizado na praça que tomou o seu nome (anteriormente, praça Fernandes Vieira) em frente ao Liceu do Ceará, que ele tanto quis, verificou-se. em 31 de agosto de 1962, tendo eu feito o discurso principal, publicado em Unitário sob o título A alma cearense de Gustavo Barroso. D. Antonieta, viúva do homenageado, ao ver aquele trabalho artístico, não escondeu esta apreciação: — "Não há nesta estátua um traço que não seja do Gustavo". Na realidade, a interpretação é impecável.

Num instante de desalento, deixou Gustavo escrito: "O Ceará não se lembra de mim. O oficialismo honra-me com o seu desdém, com a sua antipatia. Somente Matos Peixoto, quando Presidente do Estado, me penhorou com as suas homenagens". E, aproveitando a frase de Siqueira Campos — "À Pátria tudo se deve dar. À Pátria nada se deve pedir, nem mesmo a compreensão", acrescentou: "Tenho absoluta certeza que, um dia, quando se apagarem com o tempo as paixões de caráter pessoal e político, ser-me-á feita a devida justiça. Eu só procurei honrar e enaltecer a minha terra". A sua participação no movimento integralista, que depois repudiou seria a causa dessa falta de compreensão. Mas a justiça chegou, e o Ceará o reabraçou afetuosamente. Nenhum cearense, em tão pouco tempo decorrido de sua morte, foi agraciado com a consagração do bronze modelado.

As minhas ligações com o amigo iriam um pouco mais. Atendendo-se a desejo seu, deveriam ser trasladados para o Ceará os seus restos mortais. Ainda fui eu o delegado do Instituto para, no Rio, acompanhar a exumação. Formalidades havia muitas, mas com interferência devotada e infatigável de D. Nair Carvalho, nenhuma deixou de ser imediatamente superada. D. Nair, sua secretária no Museu Histórico durante vinte e dois anos, e ainda hoje diretora do Curso de Museologia, mantém para com a memória do Dr. Barroso, como lhe chama, o culto de uma admiração edificante. "Sempre relembrei o professor que modelou o meu espírito, a quem devo a minha formação" — são palavras suas.

Preparada a urna funerária, estávamos no Cemitério de São João Batista — membros de sua família, o Gen. Carlos Studart Filho, coincidentemente no Rio de Janeiro, e eu. Iríamos assistir, ao menos para mim, a um ato inédito e por demais comovente.

Retiram os coveiros a lage superior do túmulo e logo aparecem algumas urnas com ossos de parentes bem identificados, entre elas a que continha os do velho Felino e que também devia ser trazida para o Ceará. Em seguida, é retirada a segunda lage e todos vimos, atentos e cheios de emoção, os restos daquele que fora o Gustavo, em disposição perfeitamente normal, cada unidade óssea no lugar devido. Aos lados, alguns resquícios da roupa que o vestiu.

É difícil traduzir o que se sente diante de um espetáculo desses. Tem-se como que o sangue parado, e só funcionam os olhos que estão vendo e o coração que se confrange. Para alguns ali presentes, aqueles ossos, alvos, soltos, falavam, não sei em que linguagem, à dor da esposa, dos filhos, dos netos. A nós outros, na mesma linguagem terrivelmente muda, falavam à dor de dois amigos. Estava ali a destruição, o nada de uma vida que estuara de energia, aspirações e triunfos.

Assistimos a que os coveiros colhessem peça por peça — o crânio, os braços, o tórax, a bacia, as pernas. As meias, de tecido resistente, continham os ossos dos pés e assim foram, com as demais, depositadas cuidadosamente na caixa de zinco, que seria envolvida pela urna funerária. Depois, a reposição das lages.

O mais, bem se advinha, e no dia 29 de dezembro de 1965 aqueles despojos fúnebres, como recomendara o dono, eram depositados, trazidos pelo contratorpedeiro "Pará" e com honras oficiais, ao pé de sua estátua, em frente ao Liceu dos seus amores. Outro messejanense de amor foi quem, simbolicamente, os colocou ali — o Marechal Castello Branco, Presidente da República. Para sempre. E estava satisfeita a sua vontade. Fortaleza guarda, agora, daquele modo, o filho que vira nascer em 29 de dezembro de 1888.